

# Contribuição para as Memórias Acadêmicas

## A Propósito da Festa do Sesquicentenário.

A propósito das sessões comemorativas do sesquicentenário de fundação dos cursos jurídicos no Brasil, realizadas oportunamente nesta Faculdade, o Sr. Diretor, Professor Dr. ANTÔNIO CHAVES, recebeu do Desembargador Dr. HOEPPNER DUTRA a carta que se transcreve a seguir; sugere a retificação de alguns dados publicados no noticiário da revista comemorativa do Sesquicentenário, o que se faz por esta forma.

A seguir publica-se, também, o bellissimo e significativo poema *Santuário da Liberdade*, de sua autoria e o discurso por ele pronunciado na ocasião.

São Paulo, 9 de outubro de 1980

Prezado amigo ANTÔNIO CHAVES

*Sabe você quanto trago arraigada no espírito a devoção e ternura pela nossa querida Faculdade.*

*Decantei-a em versos e, se melhor não fiz, o foi mais em razão do pauperismo do trovador que do acalento d'alma, sempre fecunda na afeição e apreço.*

*É calcado nessa louvação que lhe escrevo, tendo em mãos — tão tardiamente que os recebi — os últimos números da "Revista da Faculdade de Direito", e especialmente o volume LXXII (1.º e 2.º fascículos), dedicados às comemorações do "Sesquicentenário de Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil". Mais precisamente: aos 150 anos de glória e tradição do nosso templo do Largo São Francisco ou, como bem memorou o ilustre Professor Ruy Barbosa Nogueira, "da velha e sempre nova Academia, onde mora a amizade, onde mora a alegria, onde ao chamar da pátria, se deixa a folha dobrada, enquanto se vai morrer"*

*No dia 11 de agosto de 1976, a nossa Faculdade procedeu à abertura das comemorações do sesquicentenário. Dia coberto de luz e de graça, com missa votiva na Igreja de São Francisco, logo ao amanhecer, como, também, da cerimônia inaugural do Largo — o "Território Livre de São Francisco" — da iluminação do edifício e, à noite, no salão nobre, orações, cantos, poesia e peças musicais, tudo em louvor ao "altar da glória" de Piratininga.*

*Nesse dia, o Tribunal de Justiça de São Paulo, diante da magnitude do evento, prestou seu tributo eloquente às festividades, também celebrando sessão solene, com a presença do mundo oficial, na qual tive a honra de ser o orador oficial. Proferi então o discurso que lhe remeto, publicado em memorável tributo ao acontecimento pela "Lex Editora", que reuniu numa plaqueta minha oração a do emérito Professor Miguel Reale, proferida na mesma data, em sessão solene à noite, realizada, na Faculdade. Nessa estampa foram incluídos os poemas: "A Voz das Arcadas", de Oliveira Ribeiro Neto; "Canto de Amor à Faculdade", de Paulo Bomfim; "Reminiscências", de José Malanga e "Velha Faculdade", de minha autoria.*

*Meu desejo é que publicado fosse na Revista da Faculdade, ainda agora, esses discursos, rogo que lhe faço, a tanto levado menos pelo orgulho que a honraria ensaja, do que pelo desejo de vincar os fatos ocorridos ao registro*

necessário, legando-o aos nossos pósteros. Daqui a anos, passado que seja meio século, tudo será história; e gostaria que o Tribunal de Justiça de São Paulo, que ao tempo da solenidade integrava-se com seus 36 membros, todos eles diplomados pela Faculdade do Largo São Francisco, ficasse também histórico como participante das devotadas festividades.

Lembro que o significativo programa das comemorações perlongou por um ano, até 11 de agosto de 1977. Nesse dia, pela manhã, no pátio das arcadas, foi emitido o selo do Sesquicentenário, estampado com o fac-símile da Lei de 11 de agosto de 1827, que instituiu os Cursos Jurídicos no Brasil, e com a efígie de D. Pedro I que a sancionou.

Em todo o transcorrer da manhã, da tarde e da noite os alunos estiveram presentes no "Território Livre de São Francisco", ocupando os oradores reiteradamente a Tribuna Livre em suas pregações cívicas em prol da redemocratização do país.

Foi uma festa empolgante, na qual não faltou a rotineira algaravia dos estudantes. Basta dizer que para lá transportaram, sabe Deus como, o cartaz imenso de um gorila, de dez metros de altura, retirado da frontaria de um dos nossos cinemas, alusivo ao filme "King-Kong", e o colocaram na fachada do prédio da Faculdade. Era uma sátira ao então Secretário de Segurança em razão de seus desmandos, inclusive pela violação do resguardo material que deve ter uma Universidade, desmando em razão do qual recebeu o apodo do primata. Como sempre, a bulha folgazã dos moços do pátio acobertada de civismo.

Se pormenorizo os acontecimentos, lembrando-os, o faço tendo em conta certos senões que atentei no noticiário da Revista (2.º fascículo, págs. 11 a 13), e procurar repará-los, a tanto levado pela fidedignidade do ocorrido para que, de futuro, dúvidas não preezistam com relação à magnífica efeméride.

Testemunhando os fatos, acentuo que a sessão solene da Congregação instalou-se no salão nobre, pelas 21 horas, com a presença do Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, em exercício, Professor Josué Camargo Mendes e do Vice-Governador do Estado, Professor Manoel Gonçalves Ferreira Filho, representando o Senhor Governador.

A cerimônia foi presidida pelo Diretor da Faculdade, Professor Ruy Barbosa Nogueira, que transmitiu a presidência dos trabalhos ao Magnífico Reitor.

Depois da orquestração do Hino Nacional, executada pela Banda de Música da Polícia Militar de São Paulo, segundo o programa oficial, foi dada a palavra ao primeiro orador, o estudante Caio Marcelo de Carvalho Gianini, presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, representante do corpo docente que, entretido no comício que presidia no Largo, ao lado dos colegas, conclamando o povo a lutar pela reimplantação da democracia no Brasil, não atendeu à convocatória.

Paulo Bomfim, membro da Academia Paulista de Letras, declamou, então, sob aplausos, o poema "Creio em Ti, Ó Faculdade" e, logo após, o Desembargador Gentil do Carmo Pinto, Presidente do Tribunal de Justiça, proferiu oração, representando os antigos alunos. Em suas palavras, vasadas de lirismo, comparou a velha escola a uma "Catedral do Direito", numa evocação à atividade acadêmica nos movimentos de libertação nacional.

Em prosseguimento, Pedro Antonio Oliveira Ribeiro Neto, membro da Academia Paulista de Letras, um dos grandes apologistas das glórias acadêmicas, rediviveu suas faanhas históricas em prol da liberdade e da Justiça, recitando a poesia "A Voz das Arcadas".

O Professor Manoel Gonçalves Ferreira Filho associou-se às homenagens prestadas, em nome do Governo do Estado, reconhecendo o justo orgulho de São Paulo pela sua Academia.

*Seguiu-se o coral do Centro Acadêmico XI de Agosto que, sob a regência do maestro Jonas Cristensen deliciou os presentes com canções referentes à Academia e, então, fui chamado a partilhar da festa, recitando — (com que orgulho!) — o poema “Santuário da Liberdade”.*

*Proferiu o ilustre Diretor da Faculdade, ato contínuo, seu discurso, no qual fez referência às realizações levadas a efeito em todo o transcorrer do ano, não só no que tangia às festividades como também em congressos, exposições artísticas, peças teatrais, concertos musicais, cursos de extensão universitária, fulgurando a Faculdade na história, na arte e, sobretudo, no Direito.*

*Por último, foram ouvidas melodias executadas pela Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, regida pelo maestro Camargo Guarnieri, encerrando o Magnífico Reitor, sob aplausos, a fastuosa sessão.*

*Como você pode ver, meu caro Chaves, a poesia “Velha Faculdade”, de minha autoria, escrita em 1935, quando ainda era estudante, e que foi publicada no 2.º fascículo da Revista (pág. 19), não foi declamada na sessão ali referida, nem mesmo na sessão solene de abertura dos festejos comemorativos do sesquicentário da fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil, em 1976. Também não exercia eu a Presidência do Tribunal de Justiça de São Paulo, tal como ali foi inserto.*

*Estas são as razões que levam a escrever-lhe e com o pecado de alongar-me na exposição feita, pedindo vênias à ilustre Comissão de Redação pelos reparos assinalados, reiterando que meu único propósito, assim agindo, é o de esclarecer dúvidas para o futuro, para os que vierem depois de nós. Outro, aliás, não poderia ser meu propósito diante da sempre efervilhante veneração que sempre palpitou em meu coração pela nossa querida Faculdade — Eterno Santuário da Liberdade — sempre ungida por nós em prece num relicário de saudades.*

*Abraça-o enternecidamente o velho companheiro de lutas e amigo de sempre,*

a) MÁRIO HOEPPNER DUTRA